

# Entrevista exclusiva de *The Fatima Crusader* com o Bispo Atanásio Schneider:

## A actual crise na Igreja

Em 21 de Outubro de 2016, o Bispo Athanasius Schneider disponibilizou-se amavelmente em Washington, D.C. para uma entrevista com o *Fatima Crusader*, feita por Christopher A. Ferrara, colaborador de longa data. O Bispo Schneider é Bispo auxiliar de Astana, no Cazaquistão, e Bispo titular de Celerina. É também membro dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra. É conhecido em todo o mundo católico pelo seu corajoso testemunho em defesa da verdade católica num tempo de grande confusão na Igreja, que a Irmã Lúcia de Fátima descreveu acertadamente como “desorientação diabólica.”

Esta entrevista cobriu um grande âmbito de assuntos relacionados com a actual crise na Igreja, incluindo a controvérsia sobre a *Amoris Laetitia* e a admissão de pessoas divorciadas e “recasadas” à Sagrada Comunhão, o relativismo da doutrina e o ataque à moralidade que hoje ameaça a Igreja, e a consagração e conversão da Rússia.

*Excertos da entrevista por Christopher A. Ferrara*

---

A transcrição que se segue que foi editada na sua extensão e com correcções menores, é publicada com a aprovação de Sua Excelência Reverendíssima.

O tema das perguntas do Dr. Ferrara está identificado a negro, precedido por um [P].

As respostas do Bispo Schneider são precedidas por um [R].

A ênfase é acrescentada, a menos que seja indicada em contrário.

**[P] Sobre a Declaração de Fidelidade em resposta à *Amoris Laetitia*.**

[R] “Esta declaração é uma voz comum a professar a nossa fidelidade — *una voce*, com uma só voz — na escuridão destes tempos... Há representantes de Cardeais, Bispos, padres, religiosos e leigos nesta declaração de fidelidade. Actualmente há cerca de 10.000 assinaturas de todo o mundo. Já é uma ajuda às pessoas que estão deprimidas e confusas terem isto. Isto é a voz do Magisterium, porque o texto consiste quase todo em citações do Magisterium.”

[Nota do Editor: O texto da “Declaração de fidelidade à doutrina imutável sobre o matrimónio e a sua disciplina ininterrompida”, encontra-se em <http://filialappeal.org/full>].

**[P] Os paralelos entre a actualidade e a Crise Ariana: Perseguição dos ortodoxos. Falsos sínodos. Resistência crescente. Ortodoxia restaurada.**

[R] “Durante a crise ariana no Século IV, o episcopado estava dividido mais ou menos em três partidos: um ariano extremo, claramente herético; o maior era o partido ambíguo, que dizia que Cristo não é directamente igual ao Pai em divindade, mas semelhante, de modo que todos podiam também interpretar isto de forma herética. O terceiro grupo era a minoria dos Bispos que eram claramente ortodoxos, cujo representante mais famoso era Santo Atanásio.

“Em certa altura até o Papa, que era o Papa Libério, endossou o partido ambíguo e excomungou Santo Atanásio, porque pediu a Santo Atanásio que fizesse as pazes com os Bispos heréticos no Oriente, e Santo Atanásio recusou. Por conseguinte, o Papa excomungou-o.

“A heresia ariana era uma política governamental. O obstáculo era Santo Atanásio, porque estava a ensinar claramente e recusava toda a colaboração com a ambiguidade doutrinal. Portanto, o Governo tinha um plano para eliminar Santo Atanásio, para o isolar. Infelizmente, o Papa cedeu às pressões dos Bispos heréticos e semi-heréticos do Oriente e do Imperador, e excomungou Santo Atanásio in 357.

“Dois anos mais tarde, o Imperador forçou os Bispos Latinos a reunir um Sínodo na Itália e os Bispos Orientais no Oriente, para aprovar uma fórmula herética. Houve muita pressão durante estas discussões — havia representantes do Governo presentes a elas. Finalmente, em ambos os Sínodos os Bispos aceitaram a fórmula herética — até mesmo os Bispos Latinos — de Cristo é apenas “semelhante” ao Pai. Mas Santo Atanásio não tinha participado nestes Sínodos.

“Quando isto aconteceu, foi realmente um tempo de escuridão na Igreja. Mas a Fé foi conservada pelos fiéis e por alguns Bispos. Mais tarde, quando S. Jerónimo descreveu este tempo, escreveu: ‘Todo o mundo católico acordou e gemeu por ver que tinha ficado ariano.’

“Os inimigos pensaram: ‘Agora alcançámos a vitória.’ Mas isto não era a vitória, porque a Igreja é a Igreja de Deus, não do Papa, não dos Bispos, mas de Cristo. Depois desta vitória da heresia, Deus começou a escolher novos instrumentos, novos Bispos, especialmente no Oriente: S. Basílio, S. Gregório Nazianzeno e S. Gregório de Nissa. S. Basílio fez uma aliança com novos padres e Bispos para resistir à heresia ariana. O sucessor do Papa Libério, S. Dâmaso, era forte na Fé, mas no Oriente os Bispos ainda eram predominantemente heréticos.

“Ainda passaram mais dez anos, até 379, quando a Divina Providência interveio. Apareceu um novo Imperador, Teodósio o Grande, que ordenou a todos os seus súbditos que recebessem a Fé do Papa, a autêntica Fé Católica, e rejeitassem o Arianismo. Como era o Imperador que ordenava isto, quase todos os Bispos que até então estavam ambíguos na Fé e eram semi-arianos, aceitaram a claridade da Fé Católica. Aceitaram a Fé Católica porque o Imperador ordenou! Porém, a verdadeira reforma católica tinha sido preparada pela fidelidade dos simples Fiéis, pela coragem e sofrimentos de Santo Atanásio e pelos poucos embora bons novos Bispos sob a chefia de S. Basílio. A seguir celebraram um novo

Concílio Ecuménico em Constantinopla, em 381, que condenou solenemente mais uma vez a heresia ariana.

“A confusão tinha-se prolongado por mais de sessenta anos. Geralmente, quando estamos a observar uma crise da Igreja na história, ela durou mais ou menos setenta anos, e então chegou a intervenção de Deus.”

**[P] Sobre a natureza da actual crise na Igreja: relativismo da doutrina acerca de Cristo como o único Salvador.**

**[R]** “Hoje, a confusão é de certo modo geral: o relativismo da doutrina. Na altura da crise ariana, era a verdade da divindade de Cristo e da Santíssima Trindade, que eram negadas ou ambigualmente distorcidas. Hoje, na minha opinião, a crise da Igreja consiste de três áreas principais:

“Primeiro, na doutrina, há concretamente um alastramento de relativismo quanto à singularidade de Cristo como Salvador de toda a humanidade, e há uma aceitação implícita de outras religiões como uma via legítima para a salvação. Isto é realmente atraítoar o Evangelho. Não há outra via para a salvação, e não podemos colaborar — nem sequer implicitamente — no reconhecimento da legitimidade das outras religiões. É claro que respeitamos os seguidores das religiões não-cristãs na sua dignidade de seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus. Mas não podemos respeitar as suas doutrinas, que são contrárias à Revelação Divina e, portanto, são também contrárias à vontade de Deus. Este relativismo mina o Primeiro Mandamento.

“Quando estamos agora comprometidos no chamado “diálogo inter-religioso,” quando estamos a dar às outras religiões (que são religiões falsas) em propriedades e igrejas católicas a possibilidade de rezar à sua maneira e até de fazer actos de idolatria — como os Hindus, que rezam aos seus deuses, e os Budistas, que adoram Buda — isto é uma abominação. Isto é contra o Primeiro Mandamento de Deus.

“Há também esta expressão ambígua e relativista de que nós, “os Católicos e os Muçulmanos adoram juntos o mesmo Deus.” Não! Isto não é verdade. É uma confusão. [ênfase no original] Nós, os Católicos, adoramos sempre a Santíssima Trindade com o acto sobrenatural da Fé. Não adoramos separadamente “o Supremo Criador” por um lado e a Santíssima Trindade pelo outro. Os Muçulmanos recusam e condenam todo e qualquer acto de adoração da Santíssima Trindade; para eles só há Alá, o Criador. Não podemos dizer que adoramos a Deus juntamente com os Muçulmanos, porque eles têm outro conhecimento de Deus. O Islão não tem o verdadeiro conhecimento do Deus verdadeiro, que é o Deus Trino, a Santíssima Trindade.

“Estou a viver num país muçulmano. Os Muçulmanos vulgares, que não conhecem o Alcorão, rezam a Deus com um acto de culto natural, segundo a luz da razão natural, segundo uma religião natural, e não segundo a religião sobrenatural, que é só a Fé Cristã. Portanto, a afirmação geral de que os Muçulmanos e os Católicos adoram juntos o mesmo Deus é pelo menos muito ambígua. Expressões como esta deviam ser evitadas.

“Isto é muito perigoso, é um ataque à singularidade de Cristo, é um reconhecimento implícito da legitimidade das religiões falsas, e toda a religião que não é cristã é uma religião falsa. Encontramos muitas vezes perigos como este até no chamado diálogo inter-religioso, que anda a fazer-se na Igreja.”

### [P] O reaparecimento das heresias gnóstica e luterana na Igreja.

[R] “A atitude acima mencionada (admitir adúlteros impenitentes à Sagrada Comunhão) reflecte um princípio da Gnose, da velha heresia do Gnosticismo. Segundo o Gnosticismo podemos ter um conhecimento, uma gnose, mas a nossa vida prática pode ser certamente desligada do nosso conhecimento. Este era um princípio fundamental do Gnosticismo: a vida prática é somente material, não toca o nosso conhecimento, e podemos ser salvos apenas pelo conhecimento. Foi a primeira grande crise na Igreja, no Século II, antes do Arianismo. Mas não foi tão espalhada como viria a ser a heresia ariana.

“Houve um grande lutador contra o Gnosticismo, que estava a infiltrar a Igreja no Século II: Santo Ireneu de Lyon, discípulo de S. Policarpo, que por sua vez era discípulo do Apóstolo S. João. Ele era, por assim dizer, neto espiritual de S. João. E deu o alarme, porque os Papas no Século II não eram suficientemente vigilantes em relação à intrusão do Gnosticismo dentro da Igreja; não compreendiam bastante o perigo. Mas os Papas ficaram gratos a Santo Ireneu. O Papa Vítor, no final do Século II, condenou e excomungou os Gnósticos, graças ao trabalho de Santo Ireneu. E assim podemos ver que todas as vezes há um instrumento providencial que o Espírito Santo usa.

“Voltando ao nosso tema de hoje, podemos também observar este princípio da gnose: a separação entre prática e doutrina, no nosso caso a indissolubilidade do matrimónio. ‘Não há mudança na doutrina, mas apenas uma nova prática’, diz o grupo de Cardeais e Bispos a que já nos referimos. Mas isto é um engano. Esta atitude é contrária ao Evangelho. Nosso Senhor disse: ‘Virão dizer: pregamos em Vosso nome, Senhor’, e Ele responderá: ‘Não vos conheço, vós que praticais a iniquidade.’

“A contradição formal entre a doutrina da Igreja e a *praxis* (a prática) é contra o Evangelho, é contra Jesus, e contra os ensinamentos contínuos da Igreja.

E assim estamos agora no meio desta crise. A raiz da crise é esta contradição entre a verdade imutável, e a *praxis*.

“Este facto é demonstrado praticamente na questão da admissão dos divorciados à Sagrada Comunhão. A partir da *Amoris Laetitia*, como sabe, várias dioceses já introduziram a Comunhão para os divorciados — em ‘casos especiais,’ mas em última análise é uma admissão. Se se diz ‘em certos casos,’ estas palavras não são eficazes, porque na *praxis* equivalem à abertura da comporta, e então as águas começam a correr.

Uma tal atitude reflecte, na sua raiz, a teoria gnóstica e a heresia de Lutero. Visto que Lutero disse *fides sola* (só a fé), podemos crer na indissolubilidade. Isto basta. Crer. Mas na *praxis* é secundário. Lutero revela-se neste aspecto como gnóstico, porque um dos seus princípios era: és *simul justus et peccator*. Estás simultaneamente justificado,

perdoado por Deus, e ao mesmo tempo ainda tens os pecados na tua alma. É uma contradição gnóstica: estás em pecado e a pecar, mas por causa da tua Fé já és um santo ou estás justificado (*justus*). A prática de admitir os divorciados e ‘recasados’ à Comunhão sem arrependimento nem compromisso de viver em continência é de certa maneira semelhante à ideia esquizofrénica e gnóstica de *simul justus et peccator*, que Lutero ensinou.

“Voltando ao assunto da *Amoris Laetitia*: A indissolubilidade do matrimónio é ali declarada apenas em palavras e não em acções. Isto abre a porta a uma crise mais perigosa na Igreja, porque a partir do momento em que se apresenta o princípio de se poder ir à Comunhão e continuar a viver em pecado, sem arrependimento, sem o desejo de deixar de pecar, então pode-se aplicar também este princípio aos outros pecados contra o Sexto Mandamento. Uma tal teoria e atitude são para mim basicamente gnósticas, semelhantes à heresia de Martinho Lutero que acima citamos (alguns Luteranos não aceitam as suas ideias neste caso).

“Porque não aplicar esta teoria à coabitação antes do casamento? Ou a outros pecados contra a castidade? De certa maneira já se tem uma dispensa do Sexto Mandamento. Porque outros podem dizer: eles têm uma dispensa do Sexto Mandamento, mas eu não tenho. E assim, de certa maneira — para mim — terá logicamente outras consequências para todos os pecados contra o Sexto Mandamento.

“Vou agora referir-me às recentes orientações pastorais da Diocese de Roma, que o Cardeal Vigário do Papa publicou em Setembro passado para implementar, de certo modo, a *Amoris Laetitia*. Nestas orientações podemos encontrar a declaração seguinte: Quando dois divorciados não são ‘capazes’ de viver castamente, quando isto não é ‘praticável’, está aberto o caminho para os Sacramentos. Para justificar isto, formula-se nas normas da Diocese de Roma uma espécie de axioma, que está completamente errado, sem que o digam abertamente: o homem, a pessoa humana, vem em primeiro lugar, tem primazia sobre a ‘norma.’ Neste caso, porém, não estamos a tratar apenas de uma lei humana; isto toca a lei divina da indissolubilidade do matrimónio. Isto é um antropocentrismo extremo: o homem vem primeiro, a vontade do homem vem primeiro, e só depois a vontade de Deus. O chamado bem-estar do homem vem primeiro, até mesmo ao ponto em que Deus é ofendido.

“O Sexto Mandamento não é uma ‘norma.’ O Sexto Mandamento é a vontade de Deus. Para serem honestos, os clérigos que promovem uma tal prática deveriam dizer: ‘O homem vem primeiro, antes da vontade de Deus,’ mas não ousam formulá-la desta maneira. Todavia, é substancialmente a consequência do que promovem.

“E depois, por exemplo, na Diocese de Florença, que não é longe da de Roma, há normas contrárias às da Diocese de Roma. Assim, a Diocese de Roma permite, a Diocese de Florença proíbe. É a primeira vez na história que dioceses próximas são contrárias em tal matéria, que toca a vontade divina revelada do Sexto Mandamento, e a verdade divina da indissolubilidade do matrimónio, embora abordem isto na prática e não em teoria.

“Esta crise é muito profunda. Mas Deus há-de superá-la. Há-de enviar-nos os Seus instrumentos, por Sua divina intervenção.”

**Não perca a continuação da entrevista do Bispo Schneider no próximo número, que inclui respostas a questões como:**

**A reabilitação de Lutero e a “comemoração” da “Reforma.”**

**O antropocentrismo na Igreja, como se verifica na Missa virada para o povo.**

**... e mais.**